
TEORIA DO AMOR SEXUAL: uma reflexão em torno de Platão, Schopenhauer e Freud

*Theory of sexual love: thinking with Plato,
Schopenhauer and Freud*

Jair Barboza

Professor de Estética e Ética da PUCPR. Curitiba - PR. e-mail: jbarboza@gmx.net

Resumo

O artigo expõe o pensamento de Schopenhauer sobre o amor sexual e faz conexões deste pensamento com Platão e Freud. Observa-se como o amor sexual é a mola impulsora fundamental da vida humana e move a própria cultura. Ademais, observa-se como Schopenhauer antecipa Freud na teoria da sublimação e das motivações sexuais inconscientes do homem.

Palavras-chave: Schopenhauer; Platão; Freud; Amor sexual.

Abstract

This article explains Schopenhauers thinking about the sexual love and makes connections of this thinking with Plato and Freud. We observe that the sexual love in ground moves the human life and the culture. We also appoint that Schopenhauer anticipates both Freuds theory of sublimation and theory of unconscious motivations.

Keywords: Schopenhauer; Platão; Freud; Sexual love.

I

Schopenhauer se considerava um herdeiro de Kant e Platão, por ele considerados “os dois maiores filósofos” do Ocidente. Pretendeu fazer metafísica mesmo depois da crítica de Kant ao dogmatismo transcendente em filosofia, cujo principal expoente talvez seja justamente Platão com sua teoria das Idéias eternas, que, segundo a crítica kantiana, é um vôo de pássaro no éter, portanto sem sustentação, sem o recurso à experiência possível. Kant operou uma implosão que dizimou as pretensões filosóficas de conhecer o inteligível, o supra-sensível e suas idéias-estrela, ou seja, o mundo como totalidade, Deus e a alma imortal. Para a *Crítica da razão pura* só podemos conhecer aquilo que nos é dado na intuição, depois pensado por conceitos que geram conhecimento. Noutros temos, só podemos conhecer fenômenos, não a coisa-em-si, esta sendo o conceito limítrofe do entendimento, um interdito epistemológico às nossas pretensões intelectualistas. Almejar conhecer o incondicionado, representado pelas recém-mencionadas idéias-estrela, é como tomar um simples conceito e afirmar dogmaticamente o conteúdo dele, a *existência* do objeto que ele pretensamente refere. No entanto, que intuição temos de Deus, do mundo como totalidade e da alma? Não há experiência possível deles, diz Kant; não temos suas intuições, logo, não podemos demonstrá-los. Com isso, sob a influência do empirismo inglês de Hume, Kant divulga a sentença de morte da metafísica ocidental de inspiração platônica e que dominou toda a escolástica da Idade Média: o incondicionado não nos é acessível como experiência, isto é, como conhecimento positivo.

II

Ora, depois da sentença condenatória da primeira crítica kantiana, como pode um filósofo ainda ser platônico e fazer metafísica que almeja conhecer o em-si? Pois esta é a pretensão de Schopenhauer.

A solução encontrada será respeitar a crítica kantiana, no entanto, ao mesmo tempo, propor uma correção do negativismo dela. Noutros termos, o autor defenderá a possibilidade de uma metafísica, porém imanente, isto é, *centrada no corpo*. Uma metafísica que, se tem lá os seus rasgos dogmáticos, tenta corrigi-los com referências constantes de suas proposições à experiência, interna ou externa. Nesta tarefa, tanto o objetivo (realidade, domínio da física) quanto o subjetivo (espírito, interioridade, domínio da psicologia) serão levados

em conta. Tem-se, dessa forma, o projeto filosófico de uma metafísica imanente, ancorada na *physis* exterior e interior, cujo eixo é justamente a noção de corpo.

Esse corpo, humano e animal, que ganha uma ampla e inédita relevância epistemológica na filosofia ocidental, é um corpo com impulsos inconscientes, sendo o principal deles o impulso sexual. Este é o foco da coisa-em-si do mundo, a Vontade, ímpeto cego desejante que jamais encontra uma satisfação final. Corpo e sexualidade, assim, têm funções nevrálgicas no pensamento schopenhauereano, no sentido de justificar a sua pretensão de uma metafísica imanente, que enraíza o investigador no mundo por meio das vicissitudes de sua sensibilidade e sentimento, dos quais emerge um tipo de conhecimento acerca do núcleo dos corpos do mundo em analogia com o corpo do investigador, que revela, no núcleo de sua subjetividade, aquilo denominado pelo termo vontade.

III

Ora, nesse horizonte do corpo e da sexualidade como foco da coisa-em-si do mundo, entra em cena o amor. Apesar de se poder apontar o ceticismo de alguns em relação à realidade dele, o autor de *O mundo como vontade e como representação* procura logo contestá-los. O amor existe sim. Do contrário, a literatura, espelho da vida, não abordaria o tema. Cabe dizer que na estética schopenhauereana, que não abandona a inspiração platônica, a arte manifesta as Idéias, formas, modelos eternos dos acontecimentos e dos seres; revela a verdade, dada por intuição estética da natureza íntima das coisas. A arte é exposição de Idéias. Logo, a literatura não mente, lida com a verdade, e o amor é a sua verdade recorrente.

Na filosofia, é Platão quem trata o tema no *Fedro* e no *Banquete*. Mas o ali dito se limitava “ao domínio dos mitos, fábulas e ditos espirituosos, e concernia na maior parte das vezes apenas ao amor grego pelos rapazes”. Ainda segundo Schopenhauer, Espinosa foi ingênuo e disse que o amor é uma cócega acompanhada da idéia de uma causa externa. Rousseau apresentou algo “falso e insuficiente”. Kant, em seu ensaio sobre os sentimentos do belo e do sublime, foi “superficial”, “sem conhecimento de causa”. Com isso, o autor sente-se livre para dizer que o seu tratamento do tema é sem predecessores, sobretudo porque descera no exame da cópula, do gozo, do sexo que opera a atração entre homem e mulher, criando, assim, a possibilidade de geração de uma futura prole. O amor receberá um tratamento sob a ótica do “impulso sexual” (*Geschlechtstrieb*).

O amor e o sexo assumem um papel tão central na filosofia de Schopenhauer, que muitos vão enxergar no autor um pan-sexualista, precisamente porque a coisa-em-si do mundo, a Vontade, manifesta-se da maneira mais fiel nesse cego impulso de acasalamento. E a faculdade de razão, com a consciência, é simplesmente impotente para gerenciá-lo. Todo enamorar-se, por mais etéreo que pareça, enraíza-se no impulso sexual. Já no encontro de dois olhares apaixonados, acende-se a chama do amor, mola impulsora do homem, ao lado do apego à vida. O sexo, diz o filósofo, antes de Freud conceituar a sublimação:

É a meta final de quase todo esforço humano, exerce influência prejudicial nos mais importantes casos, interrompe a toda hora as mais sérias ocupações, às vezes põe em confusão até mesmo as maiores cabeças, não tem pejo de se intrometer e atrapalhar, com seus equipamentos, as negociações dos homens de estado e as investigações dos sábios, consegue inserir seus bilhetes de amor e suas madeixas até nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos, urde diariamente as piores e mais intrincadas disputas, rompe as relações mais valiosas, desfaz os laços mais estreitos, às vezes toma por vítima a vida, ou a saúde, às vezes a riqueza, a posição e a felicidade, sim, faz do outrora honesto um inescrupuloso, do até então leal um traidor, por conseguinte entra em cena em toda parte como um demônio hostil, que a tudo se empenha por subverter, confundir e passar a rasteira; - quando se considera tudo isso, é-se levado a exclamar: para que o barulho?! Para que o ímpeto, o furor, a angústia e a aflição? Trata-se aqui simplesmente de cada João encontrar a sua Maria.¹

Tem-se aí a *meditatio compositionis generationis futurae, e qua iterum pendent innumerae generationes*, meditação sobre a composição da geração futura, da qual dependem, por sua vez, inumeráveis outras gerações. Meditação a cargo do gênio da espécie, no processo ao qual o indivíduo pensa buscar e realizar um gozo particular, quando em verdade trabalha, às vezes dolorosamente, para o universal. Schopenhauer também põe em cena outro conceito abordagem caro à psicanálise, vale dizer, o de *motivação inconsciente*. Noutros termos, no cômputo da escolha amorosa, registra-se uma série de fatores que escapam ao cálculo racional do indivíduo e, secretamente, ativam o impulso sexual em direção à cópula e possível nascimento de uma criança. É a paixão, a inclinação irresistível entre dois sexos. Nesse cômputo inconsciente, no qual a

¹ SCHOPENHAUER, 2000, p. 7-8.

espécie pensa pelo indivíduo, uma série de elementos são avaliados no sentido de um envolvimento que possa potencialmente produzir uma criança que melhor represente o tipo perfeito da espécie. O filósofo, então, dá início a uma exposição em que considerações *absolutas* e *relativas* são indicadas na escolha amorosa. Obviamente que ele, filósofo de algum modo, tem um acesso especial, como observador, a essa astúcia da espécie. Uma faculdade de penetrar o íntimo dos acontecimentos que muito lembra o poder que Schelling atribuía ao filósofo em penetrar nos segredos do absoluto. Estes dois filósofos ainda acreditam nas façanhas da intuição intelectual ou intuição estética do mundo, que em muito aproxima a filosofia da arte.

IV

Em termos de considerações absolutas, o varão privilegia aquela idade feminina entre o princípio e o fim do processo de menstruação, pois se trata do período fértil da mulher. O peso da balança, pois, situa-se entre os 18 e os 28 anos. Mulheres idosas, diz o autor da *Metafísica do amor sexual*, perdem em excitação porque o término do ciclo de menstruação significa a perda da possibilidade de dar à luz.

Juventude sem beleza provoca excitação, mas beleza sem juventude, não. Manifestamente, a intenção inconsciente que nos guia aqui é a possibilidade de procriação em geral e, por isso, cada indivíduo perde em estímulo para o outro sexo à medida que se distancie do período mais favorável à procriação ou concepção.²

Nessa mesma rubrica, as mulheres dão preferência aos homens entre 30 e 35 anos de idade, visto que aí eles estão no apogeu de sua força de reprodução.

Após a idade, vem a consideração da saúde. Doenças agudas perturbam passageiramente, enquanto duram; já as doenças crônicas afastam, pois podem se transmitir à criança.

Em verdade, Schopenhauer defende que o casal amoroso não se formou, mas foi formado pela futura criança a nascer. Esta criança impele à união, urde o acasalamento de reprodutores saudáveis, para assim ter a maior chance possível de fazer uma bela entrada em cena, vigorosamente, no teatro da vida e da existência. O casal pensa perseguir a satisfação pessoal, mas no

² SCHOPENHAUER, 2000, p. 23.

fundo trabalha como marionete de uma futura criança, que contribuirá por sua vez para a manutenção da espécie. O impulso sexual que anima o amor é o motor da sobrevivência da espécie, como o demonstra o seu chamado impositivo e a seriedade generalizada com que é tratada na natureza. É o assunto mais relevante de todos, inclusive na cultura, em que ele infiltra suas madeixas e arquiteta ardis tanto nos assuntos cotidianos e corriqueiros quanto nos extraordinários e elevados.

Um terceiro fator de atração, segundo o autor, é o esqueleto, “fundamento do tipo da espécie”; mesmo um rosto feio é compensado por um corpo bem-constituído.

Em seguida, dentre os fatores absolutos de atração, encontra-se a abundância de carne, pois um corpo feminino assim constituído “promete ao feto rico alimento”. Daí a explicação para o infável que assalta o homem diante de fartos seios: uma futura criança terá dali rico alimento.

Por fim a beleza do rosto. Curiosamente, este fator, pelo menos nos nossos dias de publicidade, e mesmo na época moderna e clássica da pintura de retratos, deveria ocupar o primeiro lugar nas escolhas masculinas. Contudo, como o filósofo insiste nas motivações sexuais inconscientes que movem os casais, a beleza do rosto fica relegada ao plano consciente, de primeira visão do outro. Porém o que é imperioso no amor sexual é o subterrâneo que forma a sua atração, e, neste caso, importa mais a idade fértil e a saúde do que um belo rosto. Tanto que um belo rosto num corpo tomado por doença aguda não é atraente, já um rosto feio num corpo saudável e cheio de carnes o é, por questões de reprodução.

Até aqui a filosofia schopenhauerena posicionou-se no ponto de vista masculino.

No que tange às “considerações inconscientes” que movem o assim chamado belo sexo, não se as pode, “naturalmente”, fornecê-las de modo tão preciso. No entanto, o filósofo não se faz de rogado e arrisca algumas observações. Afinal, apesar de algumas opiniões cétricas em contrário, as mulheres também amam. Elas dariam preferência, no aspecto idade, em comum com os homens, ao período mais fértil do varão, ou seja, entre os 30 e os 35 anos de idade, já que aqui, como dito, a força de reprodução se encontra no seu ápice, e bem constituídas crianças têm grande chance de nascer. De maneira geral “elas observam pouco a beleza”, como se tomassem para si, belo sexo que são, a exclusividade de transmiti-la à descendência. Exclusividade que cai para o lado masculino quando se trata da força muscular: por isso mulheres

gostam de homens fortes, corajosos e valentes: dão excelentes protetores para a prole. Mulheres com frequência “amam homens feios, mas nunca um homem destituído de masculinidade”.

Em seguida, elas apreciam certas qualidades de caráter, que envolvem as chamadas coisas do coração, quando conta a firmeza de vontade, a resolução, “talvez” a honra e a bondade de coração. Quanto aos homens inteligentes, não há ilusões, o intelecto não é item de volúpia para o belo sexo. “A falta de inteligência não prejudica em face das mulheres: ao contrário, uma força espiritual muito forte, ou o gênio, como uma anomalia, até podem agir desfavoravelmente.” Quer dizer, as mulheres parecem ter um certo “fraco” pelos tolos. “Por isso, com frequência, vê-se um homem bem instruído, espirituoso e amável ser preterido por mulheres, em favor de outro feio, imbecil e rude”.³ O filósofo parece neste momento de sua reflexão reproduzir uma desconfiança de época, quando o capitalismo nascente ainda não explicitava o poder da inteligência instrumental, sobretudo ligado à tecnologia e aos seus produtos; ainda não sublinhava o poder do intelecto na sociedade da informação. Hoje em dia, quando as novas tecnologias surgem a cada segundo e os programas de computador dominam o gerenciamento do capitalismo, o saber, instrumentalizado ou não, de fato é mais do que nunca poder e, nesse sentido, o homem inteligente é percebido pela mulher como um homem forte; ou seja, hoje em dia parece que o sexo feminino traduz rapidamente o seu instinto por proteção em homens inteligentes, porém práticos, que transformam seu saber em trabalho e dinheiro. Em todo caso, tanto a filosofia de Schopenhauer quanto a literatura apontam para algo que se observa muitas vezes, precisamente, o “fraco” que mulheres têm por homens tolos.

Ao lado dessas considerações absolutas, a teoria do amor desse filósofo atrevido contempla a rubrica das considerações relativas, que equacionam a formação dos casais, mediante um “corretivo para suas carências”. Ela é tanto mais interessante porque, para além das exigências gerais da espécie, aponta um componente particular de atração a envolver as especificidades e características de cada indivíduo, visando, ao fim, um equilíbrio entre o universal e o particular, num complexo cálculo inconsciente que retira sua energia do impulso sexual, em princípio cego, mas que aos poucos adquire visão em favor da boa constituição da nova vida por nascer, ou, dizendo de outro modo, a criança vê através da cegueira do sexo, escolhe aquele par que melhor indica *sua* própria porta de entrada no mundo.

³ SCHOPENHAUER, 2000, p. 27.

Portanto, tem-se nessa teoria do amor uma metafísica imanente do sexo. *Metafísica* porque a cópula física e o seu supremo gozo se explicam pelo transcendental atrás deles, isto é, as condições de possibilidade de uma vida, numa palavra, uma Idéia de criança que quer se encorpar na realidade; e *imanente* porque pressupõe uma reflexão empírica sobre o corpo, a ejaculação, o gozo, as dores de amor, o impulso sexual e o resultado de tudo isso: um bebê que estará, tempos depois, mamando no seio materno. O etéreo do amor, os olhares apaixonados, os poemas e pensamentos platônicos, etc., traduzem-se em cuidado concreto pela prole. Foi uma ilusão. A prova psicológica, para o filósofo, desse estado de coisas, é que, após a cópula, após o gozo imediato, o casal sente-se enganado, decepcionado e não entende muito bem o que aconteceu. Foram manipulados por uma força que lhes foge completamente ao controle.

As considerações relativas retificam o tipo da espécie, o qual poderia expor-se de maneira deficiente. Corrigem-se os desvios pessoais que se transmitiriam à descendência. “Aqui, pois, cada um ama o que lhe falta”. Dessas considerações relativas surge o “amor apaixonado”. Isso se coaduna com a tese da obra magna de Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, de que “todo amor é compaixão”. Se de um lado amamos o que nos falta, de outro oferecemos naturalmente amor ali onde temos excedência e o outro tem carência. Sentimos pena do que falta ao outro e lhe oferecemos o que temos em excesso, para supri-lo em sua carência, reconfortá-lo: paixão-com, compaixão. O amor recíproco, pois, se dá quando ambas as pessoas se neutralizam mutuamente.

Na base desta argumentação encontra-se o fato de que, em Schopenhauer, a masculinidade e a feminilidade “admitem inúmeros graus”, de forma que a primeira pode diminuir até o “ginantropo e a hipospadia” e, a segunda, eleva-se até o “andrógino”. De ambos os lados, pode “o hermafroditismo perfeito” ser atingido. Isso lembra o *yin* e *yang* da filosofia oriental. Um lado branco com ponto preto equilibra um lado preto com ponto branco: o grau de masculinidade do homem deve corresponder, na profunda paixão amorosa, ao grau de masculinidade da mulher, e vice-versa. Um homem mais masculino se sentirá atraído pela mulher mais feminina e vice-versa. Quanto à proporção aí envolvida, trata-se de “algo sentido instintivamente” pelo casal.

Esta teoria, em realidade, deve em parte ser creditada à teoria dos tipos sexuais exposta por Platão n’*O Banquete*. Lá se diz que havia três gêneros sexuais: o masculino, o feminino e o andrógino. Eram seres de forma duplicada: quatro braços, quatro mãos, quatro pernas, quatro pés, dois rostos, quatro orelhas, dois genitais. Tinham força e vigor tremendos e, justamente

pela petulância advinda dessa força, caíram em soberba e foram punidos pelo ciúme dos deuses. Para não serem exterminados e assim a humanidade findar, Zeus os cortou pela metade. Com isso, o amor, na terra, de um homem por uma mulher, é a procura da restauração da condição do gênero andrógino original: caso tenha nascido mulher, procura a sua outra metade homem, e caso tenha nascido homem, procura a sua outra metade mulher (o homossexualismo se explica pelo fato de o homem originário, dividido, procurar a sua outra metade, o mesmo valendo para o homossexualismo feminino). Assim fazem de dois, o um original. Schopenhauer, platônico também aqui, detalha essa procura terrena pelo andrógino original. Homens pequenos procuram mulheres grandes e vice-versa. Louros anseiam por negros ou morenos. Pessoas pequenas desejam pessoas grandes. Narizes achatados adoram narizes de papagaio. Temperamentos opostos se preferem. E naquele “caso raro” de um homem enamorar-se por uma mulher indiscutivelmente feia, isso deve ser creditado ao fato de que “o conjunto das anomalias completas da mulher é precisamente oposto ao do homem, portanto é o seu corretivo”.

Em síntese, a seriedade com que homens e mulheres – movidos por fatores absolutos (concernentes à espécie que quer a todo custo se perpetuar) e relativos (concernentes aos indivíduos que se complementam e assim melhor propagam o tipo perfeito da espécie) – examinam o corpo um do outro, os escrúpulos críticos com que se inspecionam, tudo isso é “inteiramente adequado ao assunto”, pois a criança a ser procriada terá de trazer pela vida inteira características herdadas dos pais, do homem, sobretudo, a vontade, o caráter, da mulher a beleza e sobretudo o intelecto. “O indivíduo age aqui, sem o saber, a serviço de um superior, a espécie: daí a importância que confere a coisas que, enquanto tais, poderiam e até mesmo teriam de lhe ser indiferentes”.⁴ É o “gênio da espécie” que medita na atração heterossexual.

V

Como se vê, as reflexões de Schopenhauer sobre o amor entre os sexos, sobre o impulso sexual, levam-no a colocar este como o primeiro motor da ação humana. O fim privilegiado do amor é a cópula. Quando esta não é consumada, há os seus desvios, as suas sublimações. No fundo, é o amor sexual que move a humanidade. Mesmo porque, ele é o “foco” da coisa-em-si, a Vontade.

⁴ SCHOPENHAUER, 2000, p. 34.

Com isso, o autor abre um horizonte de reflexão que aponta para o irracional como definidor das criaturas (humanas e animais), invertendo, assim, a tradição filosófica, que colocava na razão o princípio do mundo. Schopenhauer aplica essa inversão de sua obra magna à teoria do amor, pois é exatamente a Vontade como coisa-em-si, “ímpeto cego” do organismo, que é aqui ativa. Ela exige ser obedecida, todo-poderosa que é, e o indivíduo apenas representa a sua natureza que quer viver, porém na espécie, e nesse sentido não chora a morte do indivíduo. Dessa perspectiva explicam-se as mortes de amor, os suicídios relacionados a tal sentimento, as brigas e duelos no mundo humano e animal, pois a espécie tem de triunfar e o indivíduo é um instrumento para a perpetuação dela. Espécie na qual ele, indiretamente, sobrevive.

Outra reflexão que pode ser feita é que o amor, no fundo, quando surge na consciência filosofante e o filósofo medita sobre ele, insere-se na compaixão. O amor move o indivíduo a unir-se com outro porque, como vimos, quer suprir as carências deste, daí a escolhas inconscientes relativas que complementam e equilibram, corrigem as escolhas absolutas. Ou seja, tem-aí um frágil equilíbrio entre espécie e indivíduo, do contrário este não realizaria os desígnios daquela.

Ora, essa dimensão inconsciente e propulsora do sexo sem dúvida está na origem da psicanálise de Freud. Se é discutível que Freud tenha lido diretamente o filósofo de Frankfurt, não é discutível que ele tenha entrado em contato em seu círculo de estudos vienenses com a filosofia de Schopenhauer. E isso antes do nascimento da psicanálise. Freud fazia parte do *Leseverein der deutschen Studenten Wiens*, círculo de leituras dos estudantes alemães de Viena, fortemente orientado pela filosofia de Schopenhauer e Nietzsche.⁵ Quando começa a ler Schopenhauer, o psicanalista na verdade (re)descobre o que ele mesmo já havia absorvido na juventude. Ademais, na virada do século XIX para o XX, Schopenhauer era um dos filósofos mais lidos na Europa e até mesmo no Brasil, como o atestam muitas páginas de Machado de Assis. Portanto, a psicanálise nasce num momento cultural em que o diálogo de literatos e filósofos com Schopenhauer era quase obrigatório, como o atesta igualmente Nietzsche.

⁵ ZENTNER, 1995, p. XVI.

Não surpreende que Freud tenha de admitir publicamente o seguinte, na quarta edição dos *Três ensaios de teoria sexual*:

Pois o filósofo Arthur Schopenhauer já mostrou há muito tempo aos homens em que medida o seu agir e ambição são determinados por esforços sexuais – no sentido comum da palavra – e um mundo de leitores devia decerto ter sido incapaz, para assim perder de vista tão por completo uma tão envolvente advertência!⁶

Freud diz: “há muito tempo”. Poderia isto ser um ato falho? Há muito tempo sabia o psicanalista de tais teses?... E “envolvente advertência” porque o filósofo retoma ali o mote platônico de Eros como um Deus poderoso. Platão, no entanto, diz que Eros é o “deus mais amigo do homem”. O que não se vê em Schopenhauer, para quem Eros é um demônio hostil, que a todos procura passar a rasteira, e assim passa do domínio do mito para o da fisiologia, para descobrir um tormento de viver. Claro, o gozo na cópula é a satisfação máxima. Mas esta satisfação afirma a Vontade, que é uma desavença consigo mesma, logo, afirma o sofrimento de um querer que crava os dentes na própria carne. O sexo é afirmação da vida, que é essencialmente sofrimento. Este pessimista metafísico que é Schopenhauer, que não foi nenhum santo em termos de sexo, e teve lá as suas amantes, concluirá que felizes *não* são os que afirmam a Vontade, mas os que a negam, a começar pelo corpo nas imolações. Daí a imagem dos ascetas felizes, apesar da aparência contrária. Portanto, a filosofia do amor de Schopenhauer aponta que o culto a ele em moldes românticos é coisa de pessoas fracas, que sucumbem à espécie. Forte é o santo, que nega o sexo e seu resultado final, uma nova vida sofredora, retirando-se da existência, retirando-se do teatro do sofrimento da afirmação do querer. A satisfação do amor é paga com a dívida de uma possível criança que, sintomaticamente, nascerá chorando, e que assim assume a dívida dos seus criminosos, os pais. Daí o filósofo citar o poeta Calderon de la Barca: “o maior crime do homem é ter nascido”. A morte se encarrega de liquidar esta dívida, e de punir impiedosamente os criminosos.

⁶ FREUD, 1968, V, p. 32.

Referências

FREUD, S. **Gesammelte werke**. Frankfurt: Fischer Verlag, 1968.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZENTNER, M. **Die flucht ins vergessen. Die anfänge der psychoanalyse Freuds bei Schopenhauer**. Darmstadt: WBG, 1995.

Recebido em: 12/03/2007

Received in: 03/12/2007

Aprovado em: 10/04/07

Approved in: 04/10/2007